

## ■ Roteiro: Medeia das Dores

### **ALMIR GUILHERMINO**

Professor doutor do curso de Comunicação Social da UFAL com Pós-doutorado Antropologia Visual pela Universidade do Minho, Portugal. É também professor convidado da UNICAP-Universidade Católica de Pernambuco para o Programa de Pós-graduação em Estudos Cinematográficos. É roteirista e diretor de cinema.  
almirguilhermino@gmail.com



“O que mais dói é ser a última a saber”  
MEDEIA DAS DORES.

## **Sequência 01**

### **Cena 01 - Exterior/Entardecer - Estrada/Engenho**

Fim de tarde. Uma centena de homens, mulheres e meninos cansados se arrastam por uma estrada de barro, levantando poeira. Carregam utensílios domésticos, balaios, enxadas, foices e bandeiras de um movimento sem-terra. Descem morro abaixo com destino a um velho engenho abandonado, em Palmares-PE. À frente, Jasão incentiva o povo a dizer que eles estão chegando. Lá embaixo, nas terras do engenho, um bando de ciganos acampa com suas tendas multicoloridas e, enquanto as mulheres cuidam de seus afazeres, dão-se conta do grupo que se aproxima. Jasão pede licença e vem com dois parceiros.

### **Cena 02-Exterior/Entardecer - Acampamento/Engenho**

Uma dezena de ciganos se ergue com desconfiança. Através das brechas de uma tenda rota, Medeia contempla Jasão ainda bem jovem e se arrepia toda num misto de medo e tesão. Sente um desejo compulsivo de olhar suas linhas, mas é inútil. Sabe que uma cigana é capaz de ler o destino dos outros, mas não consegue predizer um palmo do seu. Escuta, cega, apenas o que seu coração lhe pede, sem querer, da paixão.

O olhar do rapaz atravessa a fresta, indo encontrar o seu, encabulado. Medeia sai, deixando-se ver por inteiro, ainda bela nos seus trinta e cinco anos. Jasão retorna à porteira do engenho seguido por seus assistentes, sem se intimidar com os insultos dos ciganos, que se negam a se juntar a eles. Não veem razão para invadir aquelas terras, apesar de improdutivas. São do mundo. Querem

ficar ali o tempo de colherem o pouco que plantaram de milho, feijão e engordar algumas cabras e galinhas, que pastam entre as tendas. Não é de sua cultura fixarem-se. Vivem há mais de 3.000 anos vagando desde que saíram de Gujaratna, no norte da Índia. Alheios ao movimento sem terra, passam a receber visitas constantes de Jasão, seguido cada vez mais de parceiros. Vêm informar a intenção das quase 30 famílias de invadir o engenho antes das eleições. No último contato, avisam que, se os ciganos não aderirem à invasão, perderão a chance de ter um justo pedaço da terra, como o que haviam plantado, pois o movimento não tinha como aguardar a colheita e a engorda. Medeia, mesmo prevendo o confronto, em vez de se aliar ao bando, arde de desejo.

### **Cena 03 - Exterior/Entardecer – Estrada**

Enquanto os ciganos vão discutir como enfrentarão os posseiros, Medeia vai atalhar Jasão na estrada. Toma a sua mão direita e ali vê o seu destino cruzado a fogo no dele, e logo tudo escurece, porque o jovem se enrosca em sua cintura, beijando intensamente sua boca. Depois, ele sai, deixando-a com as imagens que vira na sua mão, de ciganos e sem-terra em ardente combate.

### **Cena 04 - Exterior/Noite - Estrada/Engenho**

Chega a noite da invasão e, com ela, os camponeses, armados com paus, foices e enxadas à porteira do velho engenho. Jasão e os outros rapazes se antecipam, tentando convencer os ciganos a se aliarem. Medeia, dessa vez, olha não só com desejo, mas também com cumplicidade. Ele sorri, dando a entender que espera vê-la mais tarde. O que se segue, no entanto, vem uni-los por quase 10 anos: como o bando não se incorporou nem arredou pé, os sem-terra partem para tomar o engenho com ciganos e tudo. Estes, apavorados com o mundo de gente derrubando

porteira e cercas, apontam as poucas e velhas espingardas que têm. Jasão ainda tenta acalmar seu povo, mas perde o controle. Foices e machados cortam as cordas e derrubam os paus que sustentavam as tendas, enquanto outros tocam fogo.

### **Cena 05 - Exterior/Noite - Estrada/Engenho**

Os ciganos atiram e as mulheres recarregam os cartuchos. Ao escutar seu irmão culpar Jasão pelo que acontece, enquanto lhe pede mais munição, Medeia lhe passa um cartucho sobrecarregado, propositalmente, de chumbo e pólvora. Os camponeses se agitam com palavras de ordem. Por não suportar ser chamado de alienado, o jovem cigano atira contra Jasão, ferindo-o, de leve, no ombro. O cartucho sobrecarregado tirou-lhe a visão, explodindo fatalmente em seu rosto: o irmão caçula, adorado de Medeia, morre sob o olhar incrédulo e amaldiçoado do pai, ao vê-la cruzar o fogo cerrado, para socorrer Jasão. A invasão, que seria apenas uma encenação, vira um motim. Medeia resgata Jasão no meio da turba e olha para trás, vendo o corpo tombado do irmão e seus pais fugindo em cavalos e charretes, sob fogo cruzado, com o bando.

### **Sequência 02**

#### **Cena 06 - Exterior/Tarde - Beirada da Ilha**

Medeia larga a mão de Jasão como quem acaba de ler o destino de ambos. A cena é como se fosse o futuro visto por ela, nas linhas da mão de Jasão, no presente, à beira da estrada, quando o atalhou. Para o espectador, o tempo é passado já que a sequência anterior é narrada sob o ponto de vista de Egeu, que vive numa vila remanescente dos quilombolas com os parentes, desde que foi deixado ali, por Medeia, há muitas décadas atrás.

No momento, Egeu encontra-se em meio a um grupo de homens de diversas idades, conversando sobre mulher. Um deles ironiza (como sempre ironizavam) o velho Egeu, por nunca ter “dado pinta” nem tampouco casado. Naquela tarde, a saudade de Medeia foi tanta que não deu pra sustentar. Os homens fizeram uma roda a sua volta, absortos com o seu relato.

### **Cena 07 - Interior/Tarde – Fábrica**

Egeu retorna ao passado, indo encontrar Medeia dez anos após a tragédia de Palmares. Ela está no interior de uma velha tecelagem, onde umas trinta e tantas mulheres manejam teares, dobram tecidos, entram e saem com cestos imensos de fios e panos recém-pintados. Medeia tinha os olhos tesos numa tina de tinta encarnada, em meio a tantas de outras cores. Sob a fusão de imagens que revelam o interior e o exterior da fábrica, ela se levanta e, assim com as outras, obedece ao apito da fábrica. Na fusão, os planos mostram também o fim da jornada de trabalho, com as operárias/sem-terra saindo apressadas. Sozinha e calada, Medeia joga sua bata num canto qualquer e sai empurrada por seus maus pensamentos.

### **Cena 08 - Exterior/Entardecer – Fábrica**

Ao alcançar a calçada da creche, Medeia encontra os dois filhos brincando: Hoje é domingo / No pé do cachimbo / O cachimbo é de barro / Bate no carro / O carro é de outro / Bate no touro / O touro é valente / Bate na gente / A gente é fraco.... A “tia” ri, dizendo ainda ser sexta-feira, quando Medeia entra, causando inquietação nos meninos. Pega as crianças e sai taciturna. Nesse instante, a “tia” comenta com outras operárias que chegam:

– Filhos de mãe feita de ódio.

Uma delas acrescenta, ensimesmada:

– Os meninos não têm culpa... Temo por eles.  
Pense numa doida!

A outra interrompe:

– Afasta esse pensamento... Cruz Credo!

### **Cena 09 - Interior/Noite - Casa de Medeia**

Em casa os meninos veem televisão, enquanto Medeia, trancada em seu quarto, chora sua dor. Contorce-se na cama, desfaz-se das roupas diante do espelho achando-se feia, velha e cheia de estrias. Abre seu guarda-roupa, pega seu livro de São Cipriano e a lata, que tinha no colo no momento do combate entre posseiros e ciganos. Ao lado está uma mantilha, que sua mão toca sem querer, mas a afasta, apressadamente. Acende uma vela e, enquanto lê uma das orações do livro *A Cruz de Caravaca*, tira da lata porções de pólvora, escarrando sobre elas. Em seguida, faz pequenas bolas com as mãos. Espera secar e depois as arremessa com toda ira contra o pavio em chama. Elas explodem, assustando os vizinhos. Preces e pipocos ganham a rua, a vila e, assim, amanhece, até que duas vizinhas de parede-meia insistem para que Medeia abra a porta, mas se afastam, sob juras de vingança:

– Traíras! Vocês me pagam...

Uma vizinha faz o *Pelo Sinal*; outra lembra que “Sangue de Jesus tem poder” e saem, com suas trouxas de roupa com destino à lagoa, temerosas e culpadas. Sabem muito bem do que Medeia é capaz, mas se calam ao cruzar com Creonte, dono da fábrica, que passa por ali, numa caminhonete de luxo, cheia de capangas. Um deles pergunta de onde provêm os estouros, mas nenhuma responde.

### **Cena 10 – Interior/Dia - Casa de Medeia**

Creonte entra na casa de Medeia sem bater à porta. Ele surge do nada, assustando-a:

– Valei-me, grita Creonte, saltando de lado, derrubando o charuto.

Ao retomar sua autoridade, revela o propósito de sua visita. O ódio, as pragas, as preces de Medeia foram suficientes para levá-lo a crer que a presença da cigana não seria mais bem-vinda ali. Ele lhe dá uma hora para juntar os “troços”, as crianças e sumir da comunidade. Avisa que suas contas foram feitas, bastando-lhe apenas passar na tesouraria da fábrica. Diz que a grana não é muita, mas dá para mantê-la até chegar ao Pará e assentar-se numa “invasão daquelas”, para onde ela teria de ir. Diz que há gente dela com um lote esperando por ela. Medeia revida dizendo ter a posse do lote de terra onde mora. Grita alto, aspeando no ar, ao dizer “posse”. Curiosos se amontoam à porta e Creonte se enfurece, temendo que ela revele a verdade. Seria o fim do seu projeto político, como também de Jasão. Retruca, ainda, alegando que, mesmo o lote estando no nome de Jasão, ela tem a guarda dos filhos:

– Não há juiz que me tire. (Bate o pé irritada também com a fumaça do inconveniente charuto do velho).

Com isso, Creonte ameaça encontrar seu bando para entregá-la. Medeia se assusta. Sabe do que ele é capaz. Portanto, o que lhe resta é sair, mas antes deseja vingança. Derrama algumas lágrimas dissimuladas e lamenta a idade avançada. Diz que não vê razão para desforra. Sabia que, cedo ou tarde, perderia Jasão para outra mais jovem:

– Os estrondos de pólvora e as preces da noite passada foram apenas dores de corno: logo passam! (Ela suplica, dissimulada).

Jura calar seus cânticos e nunca mais ler mão de quem quer que seja, mas que lhe deixe ali criando seus filhos. Creonte nem se abala. Medeia então pede apenas um dia para provar a ele e a todos que nada mais tem contra o matrimônio de Jasão. Creonte lhe nega:

– Nem mais um minuto!



Ela insiste:

– Um dia, apenas...

Nesse momento Creonte recebe um telefonema da filha, queixando-se que não há véu nem grinalda para vender ou alugar em Maceió e que, portanto, casaria sem os adereços, afinal, é a última moda em Paris. Pelo celular, dá uma bronca na filha. Creonte lhe diz que sem véu e sem grinalda não a levará ao altar:

– É o mesmo que dizer ao povo que você não é mais virgem.

A filha chora manhosa. Medeia então tem uma “ideia”. Jura ser capaz de tecer, com as amigas, o mais fino tecido que a fábrica jamais produzira.

– Uma cauda de 20 metros por três de largura e uma coroa com botões do algodão que cultivamos. E, para o senhor, um arranjo natural no lugar do lenço em seu fraque.

Creonte se envaidece e bate o charuto, espalhando cinzas e brasas no ar. Sabe que os acessórios podem render publicidade para a fábrica e pontos a mais nas pesquisas eleitorais.

– Um dia depois te vais, diz Creonte saindo. Esmaga o charuto na calçada, sem perceber o olhar da cigana preso naquele resto de fumo ardendo em brasa.

### **Sequência 03**

#### **Cena 11 – Exterior/Dia – Lagoa**

Uma dezena de mulheres lava roupa, à beira da lagoa, comentando a visita de Creonte a Medeia. Nesse instante, chega uma mocinha ofegante contando sobre a promessa feita por ela a Creonte. Toda animada, Medeia pediu-lhe que convidasse todas para um mutirão, logo mais, na tecelagem “cooperativada”. Iam fazer o véu e a

grinalda. A maioria levanta, catando seus panos, felizes com o prenúncio de paz. Uma delas tenta resistir, cheia de cismas, mas é levada pelo grupo.

### **Cena 12 – Interior/Noite – Casa**

Jasão vem chegando barbudo, forte, meigo e viril. Medeia o contempla da janela, vendo-o abrir o portão e chegar até aos filhos, que recitam, no jardim, “Hoje é domingo...”, enquanto brincam. Depois se dirige à Medeia e lamenta nada poder fazer contra a sua expulsão. A encomenda que Medeia fez das impressões digitais de Glauce alarmou a família da noiva. Medeia debocha:

– O maior vício dos homens é o cinismo... Eu te salvei, ô deputado! Traí meu povo, fui tua enfermeira, amante, babá, manicure, adivinha, te dei filhos e nem por isso deixastes de ser covarde! Se não fosse a língua do povo, casavas debaixo do meu nariz.

Confirma que desejava, sim, as impressões dele ou de Glauce, para saber do seu próprio futuro. Jasão vem consolá-la, mas é violentamente empurrado:

– O que mais dói, Jasão, é ser a última a saber. Lança-se em seus braços, mas Jasão recua, ao perceber a sua intenção. Ela segura seu punho, tentando abrir sua mão, mas ele se solta. Por não conseguir ver as linhas de sua mão, dá-se por vencida:

– Cai fora, Jasão. Perdi você, mas não perco a minha dignidade. Dana-te! Não passas de um burguês covarde. Enquanto via nas tuas linhas o teu futuro e te enchia, com minhas preces, de popularidade, esquecia-me de ver nelas a minha desgraça.

Jasão lembra-a do seu direito de ver os meninos e confirma o seu dever de pai. Vai mandar-lhes a pensão, cobrir as despesas com educação e saúde. Porém, sai debaixo das pragas da cigana e da voz das crianças ainda brincando:

– A gente é fraco / Cai no buraco / O buraco é fundo.

### **Cena 13 – Interior/Dia – Tecelagem**

Mais de 20 mulheres se desdobram, correndo contra o tempo para dar conta do “presente de Medeia”. Apesar do entusiasmo e da paz aparentemente restabelecida, não falta “futrica”: uma acha ser fingimento; outra, por não ter saída; há quem acredite em revanche. O fato é que todas estão contentes e nem percebem Medeia chegando. Vem avisar que irá ao campo colher ramos e flores de algodão para fazer a coroa, sendo aplaudida por sua originalidade.

### **Sequência 04**

### **Cena 14 – Exterior/Dia – Ilha Quilombola**

Egeu tem o olhar voltado para a costa, onde se vê uma pequena cidade ao longe. Volta aos tempos de moço, quando beirava os 50 anos. Vê-se no cais observando Medeia à sua procura, entre as embarcações. Nunca casou, nem teve filhos, mas quando soube da traição de Jasão pensou ser o momento de ter para si, enfim, a cigana. Medeia o encontra, olha-o nos olhos e cai em seus braços, chorando. Egeu se indigna com a covardia de Creonte, e ela, dissimulada, lamenta não ter para onde ir. O negro a convida para viver com ele, em seu sítio, na ilha dos quilombolas. Ela aceita dizendo que as virtudes de Egeu, com o passar do tempo, a tornarão a melhor companheira e a maior das amantes. Sai apressada com a cesta ainda vazia, dizendo que voltará no dia seguinte, àquela mesma hora, sem falta.

### **Cena 15 – Exterior/Dia-Cais – *Flash-Back***

A história volta ao presente, no momento em que Egeu tem os olhos em lágrimas e parece mais velho ainda,

ao lembrar-se daquela tarde de sábado, cheia de *drinks*, de músicas e de danças, num bar, quando se despediu do seu celibato. Já bêbado, imaginava Medeia àquela hora arrumando os “piscoalhos”.

### **Cena 16 – Exterior/Dia – Campo**

Medeia, ao contrário do que esperava Egeu, estava no campo, colhendo ramas e botões de algodão, absorta em seus maus pensamentos. Escolhia cuidadosamente os botões em flor, com um sorriso maligno nos lábios.

### **Cena 17 – Exterior/Dia-Cais – Tecelagem**

Medeia retorna à fábrica e se surpreende com o andamento da confecção do véu, elogiando as colegas. Todas incrédulas com a fina textura obtida com as linhas da tecelagem. A cigana dá outras instruções e vai para o sótão, onde os meninos se divertem, caindo sobre os montes de algodão.

Põe a cesta numa mesa com a “matéria-prima” colhida, sai de quadro para logo voltar com a velha lata de pólvora. Antes, porém, afaga as crianças, que lhe encham de afeto. Ela chora e quase desiste do plano. Imagina a comodidade de viver com Egeu, ao lado também das crianças crescendo livres, entre os quilombolas. Porém, as vizinhas, galhofando lá embaixo, aguçam-lhe os ânimos, fazendo-a retornar ao seu plano hediondo. Precisa tapar a boca daquela gente e ferir, sem piedade, principalmente, Jasão. Deixa as crianças e vai se ocupar com o arranjo da noiva.

### **Cena 18 – Exterior/Dia – Casarão de Creonte**

Chega o domingo e na casa grande o entra-e-sai é intenso. Um grupo decora o alpendre; outro dispõe mesas e cadeiras pelo jardim, enquanto *a noíva nervosa* deixa ainda mais tensas as mulheres que lhe vestem e maquam.

Creonte entra, tornando o ambiente ainda mais denso, ao incensá-lo com o charuto de sempre. Bate as cinzas, como de costume, espalhando brasa por onde passa. Uma das criadas alerta-o para o perigo de sua mania, mas ele não lhe dá ouvidos, pois só tem olhos para a filha.

### **Cena 19 – Exterior/Dia – Diante da Igreja**

Enquanto isso, Jasão sai da barbearia para fazer média com as beatas, que ornamentam o andor de Nossa Senhora Mãe dos Homens para a procissão à tardinha. Uma delas lhe coloca um escapulário encardido que usava, para livrá-lo de todas as demandas. Jasão as convida para a festa no casarão logo à noite. As beatas agradecem, envaidecidas. Afasta-se para atender Creonte no celular, excitado. O sogro diz que o presidente nacional do seu partido confirmou sua vinda ao casório, com mais seis deputados. Jasão, deslumbrado, quase rodopia na rua, mas lembra de ir ao alfaiate.

### **Sequência 05**

### **Cena 20 – Exterior/Dia-Tecelagem/Casarão/Alfaiataria**

Em montagem paralela, vê-se Medeia bem perto dali, no sótão, acabando de entrelaçar as ramas e a coroa, que toma sua forma, na medida em que prega uma dezena de botões em flor com cuidado. Depois os envolve de saliva e catarro.

Creonte, nervoso, arenga com o secretário local do partido. Exige que consiga os melhores automóveis e as melhores suítes do melhor cinco estrelas para os seus convidados.

A noiva se irrita com a maquiagem por achá-la brejeira, mas é *para combinar com o véu*, diz a maquiadora, sarcástica.

Jasão, diante do espelho, se encanta com o fraque que o alfaiate ajusta ao seu corpo, ao dar os últimos pontos.

#### **Cena 21 – Exterior/Dia – Sótão/Beirada**

Na lagoa, lavadeiras e pescadores comentam o luxo e a fartura da festa, enquanto largam seus afazeres para se vestirem “nos trinquês”. No mutirão, as operárias festejam, porque Creonte decretou feriado no dia das bodas, por isso vão comer e beber à vontade.

#### **Cena 22 – Interior/Dia – Tecelagem**

Se o problema era o véu, ali estava ele finalizado. O tecido fino e rendado como filó sai dos teares sob os gritos de alegria das mulheres, atraindo Medeia. Ela desce do sótão, encantada com o resultado, trazendo a coroa, o buquê e o arranjo do fraque, cheios de botões ainda melados de baba, sob os aplausos de todas. De quase todas, pois aquela vista na creche e na lagoa não aplaudiu, e continua cismada. Aproveita o alvoroço para ver onde estão as crianças de Medeia. Entra no sótão e as encontra brincando. Sorri aliviada, mas logo se intriga, ao notar uma lata ao lado da cesta, com restos de ramas e botões idênticos aos da coroa. Sai antes que Medeia a pegue no flagra.

#### **Cena 23 – Interior - Entardecer/Alfaiataria**

Jasão, diante do espelho, encanta-se com o fraque que o alfaiate ajusta ao seu corpo ainda novo e sarado.

#### **Cena 24 – Exterior- Entardecer/Casa de Medéia**

Na casa de Medeia, a bagagem está arrumada, quando os jagunços de Creonte entram e a colocam num carro. Um deles informa a Creonte a providência tomada e recebe ordens para esperá-la no veículo, à porta da fábrica.

### **Cena 25 – Interior- Entardecer/Tecelagem**

As operárias ajudam Medeia a dobrar o véu e colocá-lo numa caixa. Sobre ele, a coroa, o buquê e o botão de Creonte, enquanto a limusine com a noiva para na porta da fábrica e o maleiro é aberto, esperando a caixa. Pela janela do sótão, Medeia vê Creonte tirando a tampa da caixa e sorri, junto com a filha, encantado. A limusine parte sob o olhar triunfante da cigana, que logo se enche de fúria, ao ver a Pampa parando no mesmo lugar com seus “troços”:

– Teu mal, Creonte, é não saber que um dia pode ser uma vida para qualquer desgraçado... Sai da janela às gargalhadas, chamando a atenção da mulher cismada (a última a deixar a fábrica).

### **Sequência 06**

### **Cena 26 – Interior/Exterior – Entardecer/Capela**

O sorriso de Medeia se funde com *takes* dos convidados, que lotam a capela da vila e dos carros de luxo, chegando com usineiros, políticos, juízes e fardados. Jasão chega sob *flashes* e acenos e se dirige ao altar, levado por uma madrinha “perua” que lhe arranjam.

### **Cena 27 – Exterior – Entardecer/Cais**

Egeu, lá no cais, enche seu barco com sacos de mantimentos, latões, caçoás com jerimuns, batatas, macaxeiras e frutas, além de um casal de caprinos. Está vestido de manga comprida por dentro da calça. Sente-se um noivo. Com mais de 50, aparenta ser ainda mais jovem, de tão radiante.

### **Cena 28 – Exterior- Entardecer/Ruas**

A procissão ganha as ruas com Nossa Senhora Mãe dos Homens seguida por mulheres contritas, sofridas, vencidas, rendidas e resignadas.

### **Cena 29 – Exterior- Entardecer/Tecelagem**

O segurança avisa a Medeia (por gestos), que é hora de fechar a fábrica. Ela pede (por gestos) um instante, aumentando o temor da operária cismada, que volta a insistir com o guarda.

### **Sequência 07**

### **Cena 30–Exterior – Entardecer/Capela**

A igreja se agita, ao saber que a noiva chegou. Jasão, no altar, aguarda ansioso. Creonte e a filha descem do carro também sob *flashes*. A caixa é retirada do portamalas, enquanto a cabeleireira arregimenta curiosas para espalhar a cauda, que desce pela escadaria da igreja e alcança a calçada de tão vasta.

### **Cena 31 – Exterior- Entardecer/Tecelagem**

No sótão da fábrica, alheia à insistência do guarda, Medeia contempla seus filhos com a aquela lata entreaberta. Os meninos brincam, subindo e saltando nos morros de algodão.

### **Cena 32 – Exterior- Entardecer/Casarão e Praça**

Uma banda de música dá início à festa, que começa na praça, enquanto na casa grande está tudo arrumado. A *promoter* do *buffet* contratado confere a cozinha e as mesas forradas de branco, do alpendre ao gramado.

A cabeleireira acaba de pôr a coroa, evitando tocar nos botões e confere a extensão da grinalda, achando aquilo sem graça. Glauce põe a flor de algodão no bolso do fraque do pai, no momento em que ele acende um charuto bem próximo. Ela tosse sufocada por baixo do véu.



### **Cena 33 – Exterior - Entardecer/Guarita da Tecelagem**

O guarda conversa com os jagunços da Pampa ao lado da operária, cada vez mais cismada. Um deles tenta ligar para o patrão, mas o celular está ocupado, porque Creonte está na linha, com o secretário municipal do partido, possesso, ao saber que não vai ter ministro apenas dois deputados.

Alguém reclama do atraso e, por isso, uma parenta de Creonte vai chamá-lo para conduzir a filha ao altar. Fotógrafos e cinegrafistas, ao ouvirem a marcha nupcial vinda de um órgão, procuram o melhor ângulo.

Creonte é colocado ao lado da noiva e tenta tragar o que resta do charuto, mas percebe que está apagado. Cata o isqueiro nos bolsos da calça, sob a censura da noiva.

### **Cena 34 – Exterior – Entardecer/ Tecelagem**

Medeia, que tinha o olhar perdido fixado nos filhos, de repente se volta e acende um palito de fósforo.

### **Cena 35 – Exterior – Entardecer/ Capela**

Um corte seco une um plano a outro, fazendo a sequência retornar à cena da igreja onde Creonte acende o isqueiro e dá uma, duas, três baforadas, sem perceber que fragmentos de brasas caem em seu fraque. Alguns se alojam bem na flor de algodão.

### **Cena 36 – Interior- Entardecer/ Capela**

A imagem da escadaria se funde com o interior da igreja, onde se escuta um espocar aparentemente de fogos. Todos se emocionam pensando ser, a princípio, uma girândola. Porém, os gritos de horror vindos do lado de fora, misturados aos estouros, levam os convidados ao pânico. Correm, tentando escapar por janelas e portas. Jasão, feito um louco, pula por cima dos bancos a tempo

de ver a desgraça: As brasas consumiram o algodão do adereço do sogro e fizeram explodir a flor que, em chamas, atingiu o véu de sua noiva. O fogo subiu até a coroa e alcançou os botões, que, numa fração de segundos, explodiram, estourando a cabeça de Glauce. Ela cai sobre o pai atingido no peito e eles rolam escadaria abaixo, enrolados na cauda em chamas.

### **Sequência 08**

#### **Cena 37 – Interior/Exterior – Entardecer/Tecelagem**

Egeu acaba de colocar a bagagem no barco, quando vê a procissão ao longe vindo em câmara lenta.

#### **Cena 38 – Interior/Exterior - Entardecer/Tecelagem**

Medeia ainda se encontra na fábrica, tomando coragem para levar sua vingança adiante. Vê através da janela alguns rapazes que chegam correndo. Contam ao grupo, na Pampa com a bagagem da cigana, o horror visto há pouco. Através dos seus gestos, Medeia confirma a sua vitória.

A operária cismada sai com os rapazes, dando a entender que vão atrás de Jasão. O guarda e os capangas entram na fábrica armados, o que lhe enche de ânimo. Medeia despeja pelo sótão o resto de pólvora da lata que mantinha nas mãos. Olha para a câmera e avisa:

– Quem não quiser assistir ao sacrifício mova-se e não me condene. A força do ódio foi maior do que o meu coração.

Risca outro fósforo, joga-o numa carreira de pólvora e sai sem olhar para trás. Os meninos continuam saltando nas pilhas de algodão, enquanto repetem o mesmo refrão, alheios ao fogo que os envolve, assim, e toma conta da fábrica:

*– Hoje é domingo / No pé do cachimbo / O cachimbo é de barro / Bate no carro / O carro é de ouro / Bate no touro / O touro é valente / Bate na gente / A gente é fraco / Cai no buraco / O buraco é fundo / Acabou-se o mundo.*

### **Cena 39 – Exterior – Anoitecer – Rua**

A voz dos inocentes sai da fábrica, alcança a rua, indo encontrar Jasão com a operária, cuja cisma acabava ali, no instante em que ouvia explosões vindas da fábrica e o clarão de fogo no céu. Eles se adiantam, mas as vozes infantis prosseguem, passando pela casa grande, toda enfeitada e vazia, até chegar à igreja, encontrando os bombeiros, o IML e a polícia isolando o lugar.

### **Sequência 09**

### **Cena 40 – Exterior – Anoitecer – Manguezal**

Medeia sai pelos fundos da fábrica, a tempo de ver Jasão aos prantos, impedido pelos bombeiros de entrar na fábrica. Medeia atravessa um manguezal, entoando a prece de São Cipriano:

*– “Adonay Melech! Tu realizaste o sonho insondável da imensa face que o olho não viu... A sombra tem um corpo. O Grande Pã é vivo... Eu sei que o sabor dele é amargo e mortal. Mas posso chegar o copo aos meus lábios, porque no subterrâneo de Eleusis, eu comi e bebi o címbalo”.*

### **Cena 41 – Exterior – Anoitecer – Tecelagem**

Do meio para o fim, a oração fica em *off*, sob *takes* da fábrica tomada pelo fogo. Jasão, inconsolável, vê os bombeiros que o interpelaram, voltando, desolados, sem os meninos nos braços.

### **Cena 42 – Exterior – Anoitecer - Tecelagem/Cais**

Medeia alcança a procissão, põe a mantilha e se infiltra entre as mulheres, sem ser notada. A procissão passa diante do cais e ela sai de fininho, indo encontrar Egeu, na beirada. Guarda a mantilha, dissimulada. Ele estranha a ausência das crianças, mas a cigana o convence, dizendo que Jasão pediu a guarda, ameaçando-a de tomá-las na Justiça. Prometeu levá-las para Brasília e fazer dos dois diplomatas.

### **Cena 43 – Exterior – Anoitecer – Ilha Quilombola**

Egeu volta ao presente e encontra os amigos ainda em torno de si, abismados. Um deles quebra o silêncio e pergunta onde Medeia ficou; se subiu ou não veio no barco. Ele ri e ri alto, aumentando ainda mais a expectativa do grupo pelo final da história.

Retorna ao passado, vendo-se no leme, lutando contra a ressaca, enquanto Medeia se protegia entre sacos, latas, panelas, chaleira, animais e apetrechos de pesca. Ela disse-lhe que não sabia nadar. Pediu-lhe proteção, abraçando-se a ele, amedrontada.

Medeia vê a ilha e diz achar tudo lindo: a casa, o poço, o jardim, o roçado. Medeia nota que, na ilha, havia uma rua toda embandeirada. Egeu relata que ali vivem os remanescentes dos quilombos. Gente que vive confinada, não recebe visitas, e ela estaria resguardada. Demonstra comoção, ao saber que vão “tocar” pra Oxum, felizes com a sua chegada.

### **Cena 44 – Exterior – Entardecer – Ilha Quilombola**

Ele interrompe a narrativa, tomado por um acesso de tosse. Porém, as imagens (ainda tão vivas) lhe fazem voltar ao barco. Atraca em seu porto e começa a descer a bagagem. Medeia, então, se propõe à tarefa, sugerindo que ele fosse levando as compras para casa.

Ele aceita, mas se demora ao abrir porta e janelas. Quando retorna, vê a cigana fugindo, atônita, na noite, levando a comida, utensílios, caprinos e apetrechos de pesca.

Egeu termina seu relato ainda vivo, apesar de meio século depois na mesma postura em que se encontrava naquele domingo sem lua e mar de ressaca, buscando um sinal de Medeia ou do barco. Afinal, ela não entendia de remo nem sabia nadar.

Chegaram outras notícias, como a do incêndio, do homicídio, da explosão na igreja com Creonte e a filha queimados e, por fim, a ida de Jasão para o hospício. A culpada, no entanto, nunca fora encontrada. Uns, sabendo da fuga, pensam que se afogou; outros creem que desencantou, e Egeu, indagado, nada fala. O certo é que meio século passou e, da cigana, ninguém sabe nada. A tosse lhe vem bem na hora em que precisava esconder suas lágrimas. Os homens saem calados. É noite de *réveillon*, a rua está enfeitada, as casas cheiram a peru assado e as esposas os aguardam.

Fogos estranhos iluminam o céu, anunciando a chegada de um ano ainda futuro. É por isso que o espectador percebe que a narrativa de Egeu aconteceu há cinco décadas atrás. Egeu vai acender um cigarro, mas seu isqueiro (com design e tecnologia da época) falha. Tenta algumas vezes, mas só sai faísca. Joga-o fora, desdenhando do objeto prático, mas descartável.

## Sequência 10

### Cena 45 – Exterior – Entardecer – Ilha das Cabras

Não muito longe dali, alguém também precisa de fogo, mas só consegue faíscas. Os fogos de artifícios, ao longe, assustam centenas de cabras, que correm apavoradas. A câmera as acompanha do alto, até encontrar

uma carcaça de barco atracada numa tira de terra, coberta por mangues, entre a lagoa e o mar.

Em *close-up*, um jato de cuspe e catarro cai sobre um seixo, enquanto, num outro, é jogado um punhado de pólvora. Duas mãos enrugadas recomeçam a friccioná-los, até fazer fogo, que logo se alastra nas folhas secas e gravetos de um fogão à lenha, com uma chaleira.

Ali perto, duas cabras “prenhas” berram, amarradas. A chaleira fumegante é erguida e as mãos despejam, em latões enferrujados, a água fervente. Depois, eleva-as ao céu com fervor, enquanto uma voz muito velha balbucia uma prece inaudível.

Quando a câmara se desloca, ao acompanhar as mãos que descem, quer revelar aquele rosto enrugado, porém não pode, pois ele está encoberto por uma mantilha esgarçada. Tenta enquadrá-lo outra vez, mas a velha sai de novo do quadro.

Vêm-se apenas aquelas mãos, levando agora, ao fogo, uma velha panela, com chuchus, cenouras e quiabos. De novo, a câmara insiste em pegar a face da velha, mas ela se ergue, apressada. Parece eufórica, ao pegar uns molambos para fazer mais compressas, porque as cabritas acabam de entrar em trabalho de parto.

[Recebido em 18 de maio de 2013  
e aceito para publicação em 16 de dezembro de 2013]